

CULTURA, INTERCULTURALIDADE E SALA DE AULA DE LÍNGUA
ESTRANGEIRA: MÚLTIPLAS PERSPECTIVAS

*CULTURE, INTERCULTURALITY AND LANGUAGE LEARNING CLASSROOM:
MULTIPLE PERSPECTIVES*

Marco André Franco de Araújo
(Universidade Federal de Goiás/UFG)

Francisco José Quaresma de Figueiredo
(Universidade Federal de Goiás/UFG)

“A língua é um reflexo da cultura, pois, ao mesmo tempo em que a língua é uma parte da cultura, ela é também algo que a constitui.” (MOREIRA; FIGUEIREDO, 2012, p. 147)

RESUMO: O presente artigo visa apresentar e discutir as definições de cultura e interculturalidade no ensino de línguas estrangeiras. Serão discutidos alguns conceitos sobre esses temas com base nas teorias de Risager (2005, 2006, 2010), Hall (2012), Spencer-Oatey e Franklin (2009), entre outros. Serão apresentadas também, discussões acerca da interculturalidade na sala de aula de língua estrangeira, com base nas teorias de Corbett (2003) e Risager (2006). Com fundamentação nestas teorias, será discutida a importância que o professor deve dar à cultura e à interculturalidade em sala de aula, visto que língua e cultura são essenciais na construção social do indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: Língua. Cultura. Interculturalidade. Ensino de línguas estrangeiras.

Abstract: This article aims to present and discuss the definitions of culture and intercultural teaching of foreign languages. Some concepts on these themes will be discussed based on the theories by Risager (2005, 2006, 2010), Hall (2012), Spencer-Oatey and Franklin (2009), among others. Discussions about intercultural foreign language classroom will also be made, based on theories by Corbett (2003) and Risager (2006). Based on these theories, we discuss the importance that the teacher should give to culture and intercultural classroom, since language and culture are essential to the individual's social construction.

KEYWORDS: Language. Culture. Intercultural teaching. Foreign language teaching.

Introdução

Quando se pensa em ensinar e/ou aprender uma língua estrangeira, é comum refletirmos acerca da inseparabilidade de língua e cultura, uma vez que a cultura faz parte da construção social do indivíduo em sua comunidade, que, por sua vez, se dá através da linguagem. No entanto, há quem discuta a separabilidade de língua e cultura (RISAGER, 2005, 2010).

A sala de aula de língua estrangeira deve ser um lugar que proporcione ao aluno o conhecimento sobre o sistema da língua que está aprendendo (sua estrutura, seu vocabulário, suas regras e normas) e, também, sobre a cultura dessa língua. Assim, o professor de línguas estrangeiras deve levar em consideração vários aspectos em sala de aula, tanto os linguísticos quanto os culturais.

Nesse sentido, apresento neste artigo as definições de cultura, interculturalidade e, também, aspectos da sala de aula intercultural. Inicialmente, discuto os conceitos de *cultura* apresentados por vários autores como Risager (2005, 2006, 2010), Rees e Figueiredo (2010), Spencer-Oatey (2012), entre outros, que sugerem que cultura está relacionada a tudo aquilo que os indivíduos acreditam, como suas crenças, seus valores, padrões e modos de agir dentro de sua comunidade.

Em seguida, discuto o construto *interculturalidade*, levando em consideração as teorias de Corbett (2003) e Risager (2006), que nos apresentam aspectos importantes sobre a *interculturalidade* e sobre a sala de aula intercultural, visto que o ensino de línguas estrangeiras está pautado na abordagem comunicativa e no desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, ou seja, o objetivo de se aprender uma língua é o de se comunicar por meio dela.

Cultura

Quando falamos em língua, não podemos pensá-la desassociada de cultura, ou seja, cada língua é permeada por elementos culturais que são característicos de cada indivíduo que faz uso dela. Assim, na sala de aula de língua estrangeira, o professor não pode deixar de levar em consideração a cultura da língua que está ensinando, pois a língua é importante na nossa construção social, e também, cultural.

Para Kramsch (1998), a língua se baseia em um sistema de signos e que tem em si mesma um valor cultural. Assim, os falantes dessa língua se identificam com os outros através do uso da língua. De acordo com a autora, esses falantes veem a língua como símbolo de sua identidade social.

Diante das diversas definições de cultura, Rees (2003) apresenta o construto *cultura* como sendo

Algo que pode conduzir o pensamento e o comportamento humano, mesmo quando a pessoa está fisicamente distante do seu grupo cultural. Cultura,

portanto, supõe padrões cognitivos, comportamentais e emocionais. Uma sociedade pode ser vista como uma forma organizada de vida humana que tem uma cultura. (REES, 2003, p. 19).

Sobre língua e cultura, Figueiredo (2009) esclarece que

É primordial compreendermos a importância da língua na nossa construção social e cultural. A língua pode expressar, encorpar e simbolizar a nossa realidade cultural. Quando a língua e a cultura são colocadas juntas, elas revelam ao mesmo tempo os valores e crenças dos sujeitos situados socialmente e historicamente em uma comunidade de fala. Podemos afirmar que língua é como uma entidade sócio interativa que abrange a representação do patrimônio social e, da mesma forma, também reflete as relações de poder e dominação entre os membros de uma sociedade. (FIGUEREDO, 2009).

Diante disso, o trabalho com o aspecto cultural no ensino de línguas tem como base um processo em que não é tido como eixo somente o caráter linguístico, estrutural da língua-alvo ou a habilidade de comunicação, ou seja, devemos propor ao aluno que se posicione diante de uma consciência crítica e, também, humana em relação às outras culturas (FIGUEIREDO, 2010; FIGUEIREDO, 2009; GOMES DE MATOS, 2004).

Diversas definições de cultura são encontradas na literatura de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Spencer-Oatey e Franklin (2009) apresentam diversas definições de *cultura*, porém, segundo os autores, o termo *cultura* é difícil de definir.

Podemos entender, então, *cultura* como um conjunto de padrões, de valores, experiências, crenças de uma sociedade, organização, grupo. A *cultura* é parte essencial dos indivíduos e é passada de geração a geração, ou seja, os modos de agir, as normas de uma comunidade vão sendo mantidas com o passar do tempo (BILÁ, 2001; CEVASCO, 2003; MOTTA-ROTH, 2006; REES; FIGUEREDO, 2010; FIGUEREDO, 2007; REES, 2003; RISAGER, 2006; SPENCER-OATEY, 2012; SPENCER-OATEY; FRANKLIN, 2009; ZIEGAHN, 2010).

Levando-se em consideração as definições de cultura apresentadas por Spencer-Oatey e Franklin (2009), percebemos que elas levam a uma série de características que são importantes do construto *cultura*. De acordo com os autores,

- A cultura se manifesta através de diferentes tipos de regularidades, algumas das quais são mais explícitas que outras;
- A cultura está associada a grupos sociais, mas não há dois indivíduos dentro de um grupo que compartilhem exatamente as mesmas características culturais;
- A cultura afeta o comportamento das pessoas e as interpretações de comportamento;

- A cultura é adquirida e/ou construída por meio do envolvimento com os outros. (SPENCER-OATEY; FRANKLIN, 2009, p. 15).

Ainda segundo Spencer-Oatey (2012), a cultura possui outras características, a saber: a cultura afeta o comportamento e interpretações de comportamento dos indivíduos; ela pode ser diferenciada tanto da natureza universal como da personalidade de cada indivíduo, que, por sua vez, é única; a cultura pode influenciar os processos biológicos; é simultaneamente uma construção social e individual, e está associada aos grupos sociais.

Outras características importantes pontuadas pela autora são que cultura pode ser aprendida e que possui ambos os elementos universais, e, também, distintos, o que, por sua vez, Spencer-Oatey denomina como *etics* (ético) e *emics* (êmico). Sobre isso, podemos compreender que *etics* (ético) se refere a aspectos da vida que parecem ser consistentes entre as diferentes culturas, enquanto *emics* (êmico) se refere a aspectos da vida que parecem ser diferentes entre as culturas (SPENCER-OATEY, 2012).

Assim, de acordo com a autora, ético faz referência a verdades e princípios universais ou panculturais e, por outro lado, êmico vai remeter-se a verdades ou princípios que são específicos de cada cultural.

Dessa forma, tudo aquilo que o indivíduo tem de crenças, tudo aquilo que ele acredita, vivencia, como seus padrões e valores, e que são compartilhados dentro da comunidade em que vive, é tido como cultura. E essas características são importantes quando o indivíduo está aprendendo uma língua, ou seja, essas práticas socioculturais fazem conexões entre o mundo sociocultural do aprendiz e a escola (HALL, 2012).

Outras definições de *cultura* são apresentadas por Risager (2006), que foram descritas por Bauman, em seu livro *Culture as Praxis* de 1973. De acordo com a autora, há três conceitos de cultura: os conceitos hierárquico, diferencial e genérico. Considerando as ideias apresentadas, o conceito *hierárquico* de cultura se refere a algo que o indivíduo em específico ou uma sociedade específica tem ou não tem. Já o conceito *diferencial* de cultura vai ser entendido como algo que demarca os grupos de indivíduos. Por sua vez, o conceito *genérico* de cultura vai corresponder aquilo que é comum a todos os indivíduos (RISAGER, 2006).

Risager (2006) apresenta outro interessante conceito de *cultura*, proposto por Agar (1994), em que afirma que cultura é algo que acontece no cotidiano de cada indivíduo em sua comunidade, como podemos observar a seguir:

Cultura é.... *o que acontece com você* quando você encontra diferenças, torna-se consciente de algo em você mesmo, e trabalha para descobrir por que as diferenças apareceram. A cultura é uma consciência, que revela o escondido e abre caminhos para outras maneiras de ser. (AGAR, 1994, citado por RISAGER, 2006, p. 111, grifo do autor).

Considerando o mundo globalizado, Risager (2005) apresenta o conceito de *languaculture*, termo criado pelo antropólogo Michael Agar. Segundo a autora, esse conceito é bastante útil na construção de uma nova compreensão da relação existente entre língua e cultura. No entanto, esse conceito não vem sendo utilizado até agora de forma mais abrangente.

Agar (1994) apresenta o conceito *languaculture* na intenção de condensar as palavras *língua* e *cultura* em uma só. Segundo o autor, “*languaculture* se refere ao laço necessário entre língua e cultura” (AGAR, citado por RISAGER, 2006, p. 111). Assim, podemos entender que cultura corresponde a algo pessoal e relacional e surge a partir de situações concretas e que tem a ver com as diferenças entre os indivíduos concretos. (RISAGER, 2006).

Segundo Risager (2005), o estudo da *languaculture* é o estudo de vários significados advindos e produzidos pela língua. E, ainda sobre isso, a autora apresenta três dimensões da *languaculture*, que são correspondentes a três perspectivas culturais da língua: 1) dimensão semântico-pragmática; 2) dimensão poética e 3) dimensão de identidade (RISAGER, 2005, 2006, 2010).

A dimensão semântico-pragmática foi explorada por Agar e por outros teóricos e se refere à constância e variabilidade da semântica e pragmática de línguas específicas e, também, a variação pessoal e social encontradas em situações reais de uso da língua. Já a dimensão poética se baseia nos tipos específicos de sentido oriundos da estrutura da língua estudada, suas rimas, relações entre fala e escrita, ou seja, lida com o uso estético da língua, a arte, e faz conexões com estudos de literatura. E por fim, a dimensão de identidade, também chamada de significado social por alguns sociolinguistas, está relacionada com a variação social da língua em questão (RISAGER, 2005, 2010).

Para Hannerz (1992, citado por RISAGER, 2005) a cultura possui três dimensões: *ideias e pensamentos* como entidades e processos da mente; *formas de*

externalização e distribuição social. Possui, ainda, dois *loci*: um interno e outro externo. O externo é significativo: externaliza formas como discursos, gestos, músicas, danças e decoração exteriorizada. O interno é sentido na consciência: não é percebido como uma consciência idealizada, mas como a dos seres humanos concretos.

Assim, a participação do indivíduo na cultura é descrita, principalmente, com o auxílio dos conceitos de *perspectiva* e *horizonte*: cada ser humano é único baseado na sua experiência, e seu horizonte é refletido pelas experiências pessoais e educação.

Hannerz sugere que se estabeleça uma distinção analítica entre quatro estruturas diferentes de fluxo cultural ao estudar a organização social: formas de vida; mercado; estado e movimentos. As formas de vida organizam o fluxo cultural nas esferas práticas da vida cotidiana, ou seja, onde a vida é reproduzida localmente. Já em relação ao mercado, o fluxo é organizado através da distribuição de bens, a comercialização, e por sua vez, o estado é, em particular, caracterizado pelo poder de controlar e regular o fluxo cultural dentro de seu próprio território, enquanto os movimentos organizam o fluxo cultural de forma consciente e explícita (RISAGER, 2005).

Concluindo as considerações feitas sobre a literatura referente ao construto *cultura*, discuto agora o que os autores definem como *interculturalidade* e como a sala de aula de língua estrangeira pode apresentar o caráter intercultural no estudo de outra língua.

Interculturalidade e sala de aula de língua estrangeira

O principal papel do ensino de línguas estrangeiras é o de comunicar-se naquela língua. Através da língua, nos expressamos, interagimos e compreendemos os outros enquanto indivíduos socioculturais. Assim, o professor deve estar disposto a ensinar não somente estruturas e regras, mas, também, os aspectos culturais da língua alvo.

Nesse sentido, o ensino de línguas, levando em consideração a abordagem comunicativa que, conforme afirmam Figueiredo e Oliveira (2012, p. 29), “tem o objetivo de proporcionar ao aprendiz conhecimentos linguísticos para que ele se torne habilitado a se comunicar com outros falantes, nativos ou não, da língua que

está aprendendo”, objetiva o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, e, numa perspectiva intercultural, o ensino de língua estrangeira tem como principal objetivo o desenvolvimento da competência comunicativa intercultural desse aprendiz.

Hall (2012), ao citar Byram (1997), esclarece que o conceito de competência comunicativa intercultural é uma expansão da concepção da competência comunicativa. Byram (1997) define, então, competência comunicativa intercultural como conhecimento, habilidades e atitudes que são necessárias para se envolver em atividades onde a língua alvo é o principal código de comunicação e no qual esse código é comum para aqueles com diferentes línguas de preferência (HALL, 2012).

De acordo com Corbett (2003, p. 2) a “competência comunicativa intercultural inclui a capacidade de compreender a linguagem e o comportamento da comunidade alvo, e explicar para os membros da comunidade ‘local’ e vice-versa” (CORBETT, 2003, p. 2, grifo do autor). *Grosso modo*, um método intercultural capacita os alunos a serem “diplomatas”, capazes de observarem as diferenças culturais numa perspectiva de entendimento informado.

De acordo com Figueiredo (2010),

A comunicação intercultural está, portanto, relacionada à ideia de identidade e interação. O falante intercultural é, portanto, alguém que, por estar consciente de sua própria identidade e cultura, é capaz de estabelecer relações entre culturas e mediar através de diferenças culturais, as explicando, as entendendo e as valorizando (FIGUEIREDO, 2010, p. 16).

Sobre a *Competência Comunicativa Intercultural*, Corbett (2003) adapta de Byram (1997) algumas especificidades acerca do conceito de competência comunicativa, a saber:

- (1) Conhecimento de si e do outro; de como ocorre interação; da relação do indivíduo e a sociedade;
- (2) Saber como interpretar e relatar a informação;
- (3) Saber como se engajar com as consequências políticas da educação; ser consciente dos comportamentos culturais;
- (4) Saber como descobrir informação cultural;
- (5) Saber como ser; como relativizar a si mesmo e valorizar as atitudes dos outros. (CORBETT, 2003, p. 32).

Ainda, de acordo com Corbett (2003), a competência comunicativa intercultural é vista como um conjunto de conhecimentos e habilidades linguísticas e

culturais. Assim, podemos dizer que possuir competência comunicativa intercultural significa não ter somente domínio da estrutura da língua alvo, mas, também, reconhecer as coisas que fazem realmente sentido para a comunidade da qual está aprendendo a língua e interagindo por meio dela.

Nesse sentido, realizar um trabalho intercultural em sala de aula de língua estrangeira, além de desenvolver a competência comunicativa intercultural do aluno, o ajudará em ser mais crítico em relação à multiplicidade de culturas existentes, reconhecendo que os diferentes aspectos socioculturais são influentes e acabam por afetar o modo como as pessoas vivem dentro de sua comunidade. Visto isso, alguns autores propõem exemplos de como o professor pode proceder em sala de aula numa perspectiva intercultural, e discuto isso agora.

Corbett (2003), Teletin (2014), Tosta (2004), Cruz (2004), Campos (2009), apresentam algumas maneiras de abordagem em uma sala de aula intercultural, que vai desde o uso de gêneros escritos ao uso de literatura, mídias, anúncios publicitários e turísticos e estudos culturais. De acordo com Corbett (2003) o construto *gênero* pode apresentar diversas definições dentro e fora da análise do discurso e, na linguística, os gêneros são analisados e são considerados como textos que compartilham um conjunto de propósitos culturais em comum (CORBETT, 2003).

Ainda, de acordo com Corbett (2003), “a análise dos gêneros pode ser mais amplamente aplicada em uma abordagem intercultural de ensino – particularmente no ensino da habilidade escrita” (CORBETT, 2003, p. 71). Nesse sentido, o professor pode fazer uso dos gêneros em sala de aula, tendo como suporte à abordagem intercultural, visto que a forma do texto, tanto o escrito quanto o falado, envolve um encontro de necessidades culturais da *comunidade discursiva*.

Sobre isso, Corbett afirma que os gêneros servem às comunidades discursivas. O conceito de *comunidade discursiva* foi introduzido por Swales (1990, citado por CORBETT, 2003), remetendo ao conceito da sociolinguística de discurso da comunidade, isto é, um grupo em que o sotaque e dialeto os distinguem como tendo uma identidade em comum. De acordo com Swales (1990, citado por CORBETT, 2003), a comunidade discursiva vai apresentar as seguintes características:

- (1) A comunidade discursiva tem um conjunto amplo de consensos e objetivos em comum;
- (2) A comunidade discursiva tem mecanismos de interlocução entre seus membros;
- (3) A comunidade discursiva usa seus mecanismos participativos principalmente para oferecer informações e *feedback*;
- (4) A comunidade discursiva utiliza discurso e, portanto, possui um ou mais gêneros na promoção comunicativa de seus objetivos;
- (5) Além de possuir gêneros, uma comunidade discursiva adquire um léxico específico;
- (6) A comunidade discursiva tem um limiar de membros com grau adequado de conteúdo relevante e experiência discursiva. (CORBETT, 2003, p. 74).

No contexto de sala de aula intercultural, o professor pode fazer uso de recursos visuais, visando despertar no aluno as habilidades de observação, compreensão, interpretação e, também, uma tomada de consciência crítica cultural em relação à cultura alvo. Assim, como afirma Sarmiento (2003), os alunos precisam interpretar os significados da cultura que estão aprendendo, “devem ser capazes de se tornar responsáveis por suas próprias palavras [...], devem aprender a expressar-se de uma forma que seja compreendida pelos ouvintes da outra cultura sem que sejam forçados a mudar seu comportamento” (SARMENTO, 2003, p. 164).

Nesse sentido, o uso de imagens e de outros recursos visuais associados também a textos verbais permite aos alunos perceber valores de outras culturas e se tornarem conscientemente críticos em relação aos costumes que são diferentes dos seus.

Para Corbett (2003), o uso de recursos visuais e imagens em sala de aula vêm de longa data. Segundo o autor,

As razões para se usar imagens são boas e óbvias: elas podem ser usadas em todos os níveis, do iniciante ao avançado, e elas podem trazer para sala de aula aqueles objetos que, de outra forma, estariam sempre fora dela; por exemplo, aeronaves, praias, e lugares turísticos na cultura alvo. (CORBETT, 2003, p. 140).

Conforme postulam Corbett (2003), Barbosa e Vigata (2014), a exploração de imagens, que são produzidas por diferentes culturas, se tornam elementos interculturais no ensino de línguas. Com base nisso, o professor pode utilizar em sala de aula imagens retiradas de diversas fontes, como, por exemplo, dos livros didáticos, de capas de discos, de pinturas de galerias de arte, de imagens da internet, entre outros.

No entanto, Corbett apresenta algumas ressalvas quanto ao uso de imagens e recursos visuais em sala de aula, visto que o foco das atividades recai em aspectos linguísticos somente, e mesmo reconhecendo a importância do aumento do potencial linguístico desse aluno, o significado cultural na exploração de recursos visuais como as imagens “é comparativamente negligenciado” (CORBETT, 2003, p. 41).

Ainda, segundo o autor, as imagens podem ser utilizadas como dados para compreensão de questões sociais, tanto as da cultura local, como as da cultura alvo. (CORBETT, 2003, p. 41).

Outro aspecto relevante e ressaltado por Corbett (2003) é o uso da literatura em sala de aula intercultural. Para o autor, “da perspectiva da sala de aula intercultural, os textos literários são selecionados pelo fato de ilustrarem aspectos da cultura alvo” (CORBETT, 2003, p. 173). Essa relação, segundo Pulverness (1996, citado por CORBETT, 2003) deve focar os tipos de informação cultural literária que os textos podem dramatizar:

Período cultural – ‘todo o modo de vida’
Atitudes sociais – *le vice anglais* [isto é, o sistema da classe]
Valores políticos – o estado da nação
Linguagens e maneiras – frases de efeito (CORBETT, 2003, p. 173).

Assim, a prática do uso de textos literários se torna importante, visto que esses textos ilustram aspectos de uma sociedade numa grande abrangência, que pode mostrar a diversidade cultural de cada sociedade, como, por exemplo, a relação existente entre as classes sociais. Para Corbett (2003), então, a vantagem da utilização desses textos é que apresentam o sistema de valores da cultura alvo, mostrando tensões e conflitos, motivando, assim, os alunos a negociar suas próprias tensões e conflitos como os encontrados no estudo dessa nova cultura.

Algumas considerações finais

À luz das teorias apresentadas, entendemos então *cultura* como sendo um conjunto de valores, de crenças e de comportamentos que são partilhados entre os indivíduos de uma comunidade. Nesse sentido, a cultura é essencial na construção social do indivíduo e, no contexto de sala de aula de línguas estrangeiras, aprender e compreender a cultura do outro é de extrema importância.

Nesse sentido, quando pensamos em ensino de línguas estrangeiras, não podemos nos ater somente ao caráter estrutural da língua, ou seja, aprender outra língua vai muito além de aspectos formais (estruturas linguística, fonológica, morfológica, sintática) e, sim, “a toda uma gama de experiências culturais em que essa língua se faz meio de interação, de troca entre sujeitos que se constituem a comunidade de fala” (FERNANDES; EIRÓ, 2013, p. 97).

Assim, levando em conta a abordagem comunicativa, que visa desenvolver a comunicação do aluno na língua que está aprendendo, é importante que dê espaço à abordagem intercultural, com vistas a desenvolver a competência comunicativa intercultural do aluno. Assim, o professor proporciona ao aprendiz habilidades necessárias para interagir, se engajar em uma conversação na língua alvo, respeitando as diferenças culturais e, evitando, assim, uma visão estereotipada da cultura do outro (CORBETT, 2003; PERTEL, 2013; MOTTA-ROTH, 2003; RODRIGUES, 2013).

Podemos, então, entender que aprender uma língua estrangeira envolve muito mais do que aprender regras e vocabulário. Em uma perspectiva intercultural, podemos construir pontes que levem o mundo para dentro da sala de aula. Nessa perspectiva, o professor pode se valer de uma vastidão de atividades que leve os seus alunos a se posicionarem diante da cultura de outros povos, de costumes, crenças e valores que são diferentes dos seus.

O professor de línguas deve estar, então, disposto a introduzir o aspecto cultural na sala de aula, para levar o seu aluno a se tornar consciente e crítico em relação à sua cultura e, principalmente a dos outros, enquanto aprendiz de uma língua estrangeira. Assim, o professor poderá tornar a sala de aula um lugar em que muitas culturas se encontrem e sejam parte da aprendizagem de outras línguas.

Referências

AGAR, M. *Language shock: Understanding the culture of conversation*. New York: William Morrow, 1994.

BARBOSA, L. M. de A.; VIGATA, H. S. A utilização de material audiovisual legendado no ensino intercultural. In: BARBOSA, L. M. de A. (Org.). *(Inter)faces (inter)culturais no ensino-aprendizagem de línguas*. Campinas, SP: Pontes, 2014. p. 33-74.

BILÁ, M. Cultural competence as a component of linguistic competence. 2011. Disponível em: <http://www.pulib.sk/elpub2/FHPV/Kacmarova1/pdf_doc/01.pdf>. Acesso em: 2 de jan. de 2015.

CAMPOS, M. C. P. Insight into the American culture through the lenses of literature and film. In: CAMPOS, M. C. P.; FIGUEIREDO, F. J. Q. de. (Ed.). *Culture and arts in Brazil and in the United States: A bridge of multifaceted languages*. Viçosa, MG: Arka, 2009. p. 103-119.

CEVASCO, M. E. Dez lições sobre estudos culturais. São Paulo: Bom Tempo Editorial, 2003.

CORBETT, J. An intercultural approach to English language teaching. Clevedon: Multilingual Matters Ltd., 2003.

CRUZ, D. T. O cinema como linguagem pedagógica/ideológica para o ensino de línguas: (re)descobrimos a cultura do outro. In: MOTA, K.; SCHEYERL, D. (Org.). *Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras*. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 143-172

FERNANDES, E. C. S.; EIRÓ, J. G. Experiências interculturais e aquisição de língua estrangeira e/ou segunda língua. In: BRAWERMAN-ALBINI, A.; MEDEIROS, V. S. (Org.). *Diversidade cultural e ensino de língua estrangeira*. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 97-110.

FIGUEIREDO, C. J. A produção de materiais didáticos para o ensino de língua inglesa como LE no ciclo 2 a partir de uma abordagem intercultural. SILEL. *Anais...* V. 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

_____. *Construindo pontes: a produção oral dialógica dos participantes do processo ensino-aprendizagem de inglês como língua cultura estrangeira*. 2007. 300 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de .Language learning in an immersion context: The points of view of the participants in the CAPES/FIPSE Program. In: CAMPOS, M. C. P.; FIGUEIREDO, F. J. Q. de. (Ed.). *Intercultural and Interdisciplinary Studies: Pursuits in Higher Education*. Viçosa, M. G.: Arka, 2010. p. 13-34

FIGUEIREDO, F. J. Q.; OLIVEIRA, E. C. Sobre métodos, técnicas e abordagens. In: FIGUEIREDO, F. J. Q. (Org.). *Formação de professores de línguas estrangeiras: princípios e práticas*. Goiânia: Editora da UFG, 2012. p. 11-40.

GOMES DE MATOS, F. Como usar uma linguagem humanizadora: orientação para professores de línguas estrangeiras. In: MOTA, K.; SCHEYERL, D. (Org.). *Recortes*

interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 21-34.

HALL, J. K. *Teaching and researching language and culture*. Harlow: Pearson Education, 2012.

KRAMSCH, C. *Language and culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

MOREIRA, T. A. S.; FIGUEREDO, C. J. A Importância do Componente Intercultural na Prática Docente de Línguas Estrangeiras. *Gláuks* v. 12 n. 1. p. 147-168, 2012.

MOTTA-ROTH, D. Competências comunicativas interculturais no ensino de inglês como língua estrangeira. In: MOTTA-ROTH, D.; BARROS, N. C. A.; RICHTER, M. G. (Org.). *Linguagem, cultura e sociedade*. Porto Alegre: Editora e Gráfica Eficiência Ltda, 2006. p. 191-201.

PERTEL, T. A competência comunicativa intercultural: impacto dos ETAS na formação de professores de inglês. In: BRAWERMAN-ALBINI, A.; MEDEIROS, V. S. *Diversidade cultural e ensino de língua estrangeira*. Campinas: Pontes Editores, 2013, p. 213-224.

REES, D. K.; FIGUEREDO, C. J. Cultura e ensino aprendizagem de línguas. In: VII Seminário de Línguas Estrangeiras: a transdisciplinaridade e o ensino das línguas estrangeiras, 2010, Goiânia. Anais VII Seminário de Línguas Estrangeiras. Goiânia: FUNAPE, 2010. v. 0. p. 354-366.

REES, K. *O deslocar de horizontes: um estudo de caso da leitura de textos literários em língua inglesa*. 2003. 201f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

RISAGER, K. *Linguaculture as a key concept in language and culture teaching*. In: PREISLER, B.; FABRICIUS, A.; HABERLAND, H.; KJAERBECK, S.; RISAGER, K. (Ed.). *The consequences of mobility*. Roskilde: Roskilde University, 2005. p. 185-196.

_____. *Language and culture: global flows and local complexity*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2006.

_____. *The language teacher facing transnationality*. SYMPOSIUM 1. Udine, September 7-8, 2010. p. 2-13. European Universities Network on Multilingualism. Disponível em: <http://in3.uoc.edu/opencms_in3/opencms/webs/projectes/EUNOM/EN/results/index.html>. Acesso em 3 de jan. de 2015.

RODRIGUES, B. G. Interculturalidade, formação de professores e ensino-aprendizagem de língua inglesa no Piauí. In: BRAWERMAN-ALBINI, A.; MEDEIROS, V. S. (Org.). *Diversidade cultural e ensino de língua estrangeira*. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 179-191.

SARMENTO, S. Ensino de cultura na sala de aula de língua estrangeira. In: MORAES, G. B.; BUCHWEITZ, R. M.; SANTOS, M. E. M. (Org.). *A questão cultural no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras*. Passo Fundo: UPF Editora, 2003. p. 162-169.

SPENCER-OATEY, H. What is culture? A compilation of quotations. *GlobalPAD Core Concepts*. 2012. Disponível em: <http://www2.warwick.ac.uk/fac/soc/al/globalpad/openhouse/interculturalskills/global_pad_-_what_is_culture.pdf>. Acesso em 3 de jan. de 2015.

SPENCER-OATEY, H.; FRANKLIN, P. Unpacking culture. In: SPENCER-OATEY, H.; FRANKLIN, P. (Ed.). *Intercultural interaction; a multidisciplinary approach to intercultural communication*. New York: Palgrave MacMillan, 2009. p. 13-49.

TELETIN, A. Anúncios publicitários turísticos e representações culturais na aula de português língua estrangeira. In: BARBOSA, L. M. de A. (Org.). *(Inter)faces (inter)culturais no ensino-aprendizagem de línguas*. Campinas, SP: Pontes, 2014. p. 81-92.

TOSTA, A. L. de A. Além de textos e contextos: língua estrangeira, poesia e consciência cultural crítica. In: MOTA, K.; SCHEYERL, D. (Org.). *Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras*. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 107-141.

ZIEGAHN, L. Considering culture in the selection of teaching approaches for adults. *ERIC Digest*. 2010. Disponível em: <http://permanent.access.gpo.gov/websites/eric.ed.gov/ERIC_Digests/ed459325.htm>. Acesso em 4 de jan. de 2015.